

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS XIV
GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL - RÁDIO E TV**

GABRIEL SILVA SOUZA LOPES

**DO AM AO ALGORITMO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
SOBRE A PLATAFORMIZAÇÃO DO RÁDIO NO INTERIOR**

Conceição do Coité-BA

2024

GABRIEL SILVA SOUZA LOPES

**DO AM AO ALGORITMO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A
PLATAFORMIZAÇÃO DO RÁDIO NO INTERIOR**

Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social - Habilitação em Rádio e TV, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Rádio e TV, Campus XIV - Conceição do Coité – BA

Orientador: Prof. Dr. Moisés dos Santos Viana

Conceição do Coité-BA

2024

GABRIEL SILVA SOUZA LOPES

**DO AM AO ALGORITMO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A
PLATAFORMIZAÇÃO DO RÁDIO NO INTERIOR**

Trabalho de conclusão apresentado à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Rádio e TV.

COMISSÃO JULGADORA

Me. Ellen Mascarenha Ferreira Santos
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof. Me. Janrryer Santos Mota
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof. Dr. Moisés dos Santos Viana
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Professor Orientador – Presidente da Banca Examinadora

Conceição do Coité-BA

Janeiro de 2025

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho à minha família e, em especial, à minha mãe, Edna Silva, que lutou incansavelmente para que eu pudesse conquistar uma graduação e quebrar o ciclo familiar, sendo o primeiro a obter um diploma. Sua força e determinação foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. Dedico também à minha avó, que, mesmo com pouca instrução formal, me ensinou lições inestimáveis sobre fé, bondade e resiliência, além de sempre orar por mim com amor e esperança.

Não poderia deixar de dedicar este trabalho aos meus amigos, que acreditaram no meu potencial e se tornaram os maiores e melhores “admiradores” desta jornada. Sua torcida e apoio foram combustíveis indispensáveis nos momentos de dúvida e cansaço.

Este trabalho, por muito tempo, me colocou em um lugar de insegurança e ansiedade. No entanto, hoje consigo enxergá-lo como o encerramento de um ciclo grandioso e vitorioso, repleto de aprendizados e superações.

Agradeço imensamente à professora Patrícia Rocha, que despertou em mim a paixão pelo rádio e me deu o incentivo necessário para seguir no curso. Agradeço, principalmente, ao meu orientador, Moisés dos Santos Viana, por sua paciência e compromisso em me orientar, mesmo nos momentos em que eu próprio duvidei da minha capacidade. Seu apoio foi essencial para que eu conseguisse me comunicar melhor com a universidade e enfrentasse os desafios deste percurso.

Por fim, agradeço a todos os profissionais jacobinenses da área de comunicação, que, ao longo desta jornada, ocuparam as lacunas deixadas abertas, oferecendo paciência e força de vontade para me formar como profissional.

RESUMO

Este trabalho aborda a plataformação da rádio a partir do relato de experiência do seu autor, destaca elementos práticos e teóricos dos estudos da comunicação, plataformação e regionalização da radiodifusão, partindo da inserção no mercado da comunicação no município de Jacobina-BA entre 2020 e 2023 com o objetivo de descrever o rádio e suas interfaces com a Internet. Nesta perspectiva, leva-se em conta aspectos de vida profissional como influenciador digital e comunicador em seu primeiro contato ativo com o rádio. Foi feita uma revisão bibliográfica e qualitativa que sustentou o relato de experiência, considerando a realidade sociocultural da temática em diálogo com seus interlocutores ao longo dos últimos 04 anos, o que possibilitou a produção de 21 programas, com foco em 03 programas. Por fim, concluiu-se que, o rádio deixa de ser algo efêmero, possibilitando que os programas sejam revisitados, tornando-os mais acessíveis e abrangendo novos públicos, além de mantê-lo competitivo em um cenário dominado por serviços de streaming.

Palavras-chave: Rádio. Mídias digitais. Plataformação. Podcast. Internet.

ABSTRACT

This study addresses the platformization of radio through the author's experiential account, highlighting practical and theoretical elements from communication studies, platformization, and regionalization of broadcasting, starting from the insertion in the communication market in the municipality of Jacobina, BA, between 2020 and 2023, aiming to describe radio and its interfaces with the Internet. In this context, the study considers professional experiences as a digital influencer and communicator during the author's initial active contact with radio. A bibliographic and qualitative review was carried out that supported the experience report, considering the sociocultural reality of the theme in dialogue with its interlocutors over the last 4 years, which enabled the production of 21 programs, focusing on 03 programs. Ultimately, the study concludes that radio ceases to be ephemeral, enabling programs to be revisited, making them more accessible and reaching new audiences, as well as keeping it competitive in a scenario dominated by streaming services.

Keywords: Radio. Digital media. Platformization. Podcast. Internet.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	15
RESUMO	16
ABSTRACT	17
SUMÁRIO	18
1 INTRODUÇÃO	11
2 DO ANALÓGICO À PLATAFORMIZAÇÃO	12
2.1 Breve história do rádio	12
2.2 Breve história da internet	12
2.3 Rádio em formato podcast	12
3. RELATO DE EXPERIÊNCIA: UM PROGRAMA RADIOFÔNICO HÍBRIDO	12
3.1 PROGRAMA 01: DAVI LUCCA	12
3.2 PROGRAMA 02: EMANUELLE HORA	12
3.3 PROGRAMA 03: ANDRÉ MANFRINE	12
4 CONCLUSÃO	12
REFERÊNCIAS	12

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como título “*Do AM ao algoritmo: um relato de experiência sobre a plataformização do rádio no interior*”, e surgiu da minha relação estável e bem-sucedida com as mídias digitais e a mesclagem delas com o rádio analógico.

Isso significa que a temática abordada neste relato foi escolhida pela familiaridade e admiração que tenho com e para o campo de trabalho, uma vez que sou produtor de conteúdo digital, influencer e apresentador; e possuo uma forte vontade pessoal e profissional de abordar mais o assunto, assim transmitindo às pessoas novas informações acerca dele na perspectiva jacobinense e interiorana da comunicação.

Como um jovem que vivenciou e participou desse momento de fusão entre o clássico analógico com o novo da plataformização, mediante convites de duas rádios importantes da região — rádio Jacobina FM e rádio Serrana Líder FM —, que serão relatados posteriormente, entendo a importância de preservar o rádio sem limitá-lo por achismos de que “renovação signifique esquecimento das suas raízes”, afinal, adaptação e comunicação são características humanas vindas de centenas de anos atrás, pois

A necessidade de sobrevivência levou a espécie humana a buscar formas de interagir e se comunicar com os semelhantes e o seu entorno. Ao longo do tempo, além de desenvolver as habilidades corporais para expressar ideias e vontades, o ser humano aprimorou a capacidade de emitir sons variados, que combinados de formas diversas, deram origem a linguagem (Cavalcante et al., 2024).

Mediante essa informação, é válido lembrar que tanto o rádio quanto a internet têm uma linguagem própria, assim, a combinação dos dois mostra-se como uma ramificação das duas que cria uma linguagem única e diversa, com incontáveis possibilidades.

É interessante dizer que, segundo Mussi et al. (p. 6, 2021),

O Relato de experiência é um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção. Na construção do estudo é relevante conter embasamento científico e reflexão crítica

Portanto, relatos como esse meu são significativos, pois colocam em questão a ideia de que a rádio tradicional será substituída pelo podcast, que segundo SOUSA (2022),

é um material digital no formato de áudio que possui uma estrutura similar a um programa de rádio. Ele pode ser enviado por arquivo para um usuário ou também pode ser disponibilizado por meio de streaming em uma plataforma específica.

Ou seja, o podcast vem para agregar no cenário radiofônico ao possibilitar ao público o acesso aos programas com a única condição de que ele tenha internet para consumir o conteúdo, assim, o público-alvo não precisa se preocupar em ter disponibilidade de horário para ouvir a rádio, e ela torna-se mais acessível e mantém-se competitiva em um cenário cada vez mais dominado por serviços de *streaming*.

Visando entender esse processo da plataformização da rádio de uma maneira mais completa e fundamentada, o trabalho será dividido na contextualização do *que é e como surgiu* a invenção “rádio” e o que seriam as “mídias digitais” com as quais ele dialoga ativamente na atualidade, uma vez, que embora o foco deste trabalho não seja explorar a fundo a história da indústria radiofônica e das mídias digitais como fonte de comunicação entre pessoas, é impossível relatar sobre minha experiência nessas duas vertentes comunicacionais até então heterogêneas na região sem, ao menos, pincelar essas questões.

Afinal, pela minha experiência, esse é o maior ponto de encontro entre as mídias digitais e o rádio: a forma como essas invenções humanas modificam em tempo real histórias que antes delas nunca sequer o homem afetaria sem as barreiras geográficas dificultando e, por vezes, impossibilitando tal contato.

Posterior à fundamentação, o meu relato contará como foi participar, não simultaneamente, de duas rádios jacobinenses — rádio Jacobina FM e rádio Serrana Líder FM — em uma perspectiva digital sendo um rapaz que não entendia na prática o que era fazer rádio e como me comunicar com o público digital sem perder o público do sofá também. Como o projeto contou com 21 programas indo ao ar, resolvi selecionar os 03 primeiros para não sobrecarregar o relato e, ao mesmo tempo, ter uma parte significativa da experiência disposta no trabalho.

Com tudo isso em vista, é válido salientar que o objetivo deste trabalho é descrever o rádio e suas interfaces com a Internet, analisando como a plataformização está transformando a radiodifusão, com base em um relato de experiência no contexto do município de Jacobina-BA.

Em relação à metodologia escolhida, reforço que quando se fala de rádio não se lida com números apenas, mas principalmente com pessoas, com histórias, com conexões, ainda mais quando se leva em conta que o foco principal desta discussão é um relato de uma experiência que se propõe a ser criativa e um tanto informal. Portanto, é compreensível que se pense em uma metodologia que contemple toda essa particularidade de um trabalho da área comunicacional atual com foco na juventude digital de uma região interiorana.

Assim sendo, é óbvio que essa se trata de uma revisão bibliográfica sistemática qualitativa, uma vez que esta é uma das poucas metodologias que se preocupa com a transversalidade das temáticas de uma pesquisa pautada em um relato que busca demonstrar que o rádio e a internet não são rivais, pelo contrário, pois possuem uma história mais semelhante do que diferente.

Reforçando minha ideia de que a pesquisa qualitativa é o melhor para esse trabalho, Minayo et al (1999, p. 21) dizem que

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não se pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Isso significa que o foco dela é, por meio da pesquisa bibliográfica, fazer um levantamento de materiais que podem ser úteis e ajudar a formar o ciclo da pesquisa. Assim como diz Minayo et al (1999, p. 21), esse ciclo tem o intuito de identificar um problema ou uma pergunta e, por fim, finalizar o trabalho com um produto temporário que seja capaz de originar outros questionamentos, algo que é do agrado e do feitio de todo bom comunicador.

É relevante reforçar que o processo que Minayo et al (1999, p. 21). falam é relevante em pesquisas como essa, pois abre espaço para que o tema continue sendo debatido e encontre opiniões cada vez mais diversas, pois só assim pode haver novas discussões e, conseqüentemente, novos e melhores resultados.

É válido também dizer que o tema em questão (da plataformização do rádio) ainda é um tanto inexplorado na região de Jacobina e demais interiores, por isso, o relato de experiência foi de suma importância para compor uma boa pesquisa. Utilizei também descritores variados, os quais buscavam entender o rádio, a internet e a maneira como eles se relacionam.

É interessante lembrar que esse levantamento me ajudou na composição não apenas da parte mais técnica do trabalho, como também me auxiliou até mesmo a entender e contextualizar melhor o relato, compreendendo onde cada palavra da pesquisa encaixa-se no que eu vivi com o rádio e essa renovação proporcionada pelo aceite inicial das rádios de que tudo na vida evolui e isso não corresponde ao abandono das raízes do rádio.

Isto também significa que eu notei que, para obter um bom resultado, a pesquisa bibliográfica precisa ser o mais ampla possível, e, só depois de um bom levantamento de documentos, é que podemos fazer uma seleção criteriosa do que é relevante e o que é apenas distração, algo que foi feito aqui para resultar na teorização e produção deste estudo.

2 DO ANALÓGICO À PLATAFORMIZAÇÃO

2.1 Breve história do rádio

Antes de abordar a minha experiência com o rádio, cabe lembrar da parte técnica e histórica que o compõem e da longa lista de descobertas que antecedem a criação do que conhecemos como um instrumento baseado em ondas eletromagnéticas.

Segundo Cavalcante et al (2011, p. 03), foi o inglês Michael Faraday, físico e químico, quem começou tudo ao descobrir a indução magnética em 1831 — até então sem perspectiva de criar nada que sequer fosse semelhante ao rádio.

Posterior a isso, o norte-americano Samuel Morse, em 1844, torna possível a emissão de mensagens intermediada por impulsos elétricos transmitidos por fios de cobre, assim sendo uma forma segura de comunicação graças a codificação possibilitada pela invenção de Morse (Cavalcante et al, 2011, p. 03).

Em 1863, James C. Marwell continua a cadeia de invenções necessárias para a criação do rádio e, na Inglaterra, faz a descoberta matemática e teórica da existência das ondas eletromagnéticas. Seguindo na linha dos intelectuais anteriores, em 1876, Alexander Graham Bell oferece à ciência o telefone, uma invenção que leva o som a ser algo diferente: sinais elétricos transmitidos por meio de cabos parecidos ao do telégrafo com o uso de microfones e auriculares (Cavalcante et al, 2011, p. 03).

Dessa forma, segundo Vigil (1997, p. 13), nas palavras de Cavalcante et al (2011, p. 03) se “tornou possível a voz humana ir e vir sem intermediários, sem códigos para decifrá-la. E nessa viagem, a música ou qualquer outro ruído poderiam acompanhar a voz.”

Com os muros geográficos fora da equação, ainda era necessário encontrar uma maneira de tornar o som imortal, assim rompendo as barreiras do tempo (Cavalcante, 2011, p. 03), o que segundo Vigil (1997, p. 14 apud Cavalcante et al, 2011, p. 03) ocorreu em 1877 quando o “avô do toca-discos”, o norte-americano Thomas Edison, inventou o que seria conhecido como o fonógrafo.

Não demorou muito para que o homem descobrisse que, ao colocar um filamento e uma placa de metal separadas entre si em uma ampulheta, sendo ligado o negativo no filamento e o positivo na placa, ele teria uma corrente elétrica passando da placa para o filamento constantemente. Porém, a honra de confirmar a existência das ondas

eletromagnéticas (chamadas atualmente de “Ondas de Rádio”) foi do Henrich Rudolph Hertz, em 1890.

Para muitos estudiosos, a honraria pela descoberta da radiofonia caberia ao padre cientista brasileiro Roberto Landell de Moura que, em 1893, testa a primeira transmissão de fala por ondas eletromagnéticas, sem fio; porém, os registros históricos atribuem ao italiano Guglielmo Marconi o título oficial de “descobridor do Rádio”. Consta que Marconi realizou em 1895, testes de transmissões de sinais sem fio pela distância de 400 metros. Em 1896, Marconi adquiriu a patente da invenção do rádio, mas a suprema corte americana concedeu a Nikola Tesla o mérito da criação do rádio, porque Marconi usou dezenove patentes de Tesla em seu projeto (Cavalcante et al, 2011, p. 3).

Segundo Cavalcante et al (2011, p. 3), o rádio é um veículo comunicacional baseado em informações sonoras transmitidas por intermédio direto de ondas eletromagnéticas em diversas frequências, sendo as principais delas a AM (amplitude modulada) e a FM (frequência modulada), conhecida por oferecer maior qualidade do som. Ainda de acordo com Cavalcante et al (2011, p. 3), esse recurso da comunicação em massa é o mais popular e acessível ao público dentre todos os outros, tanto pelo baixo custo dos aparelhos receptores do sinal, a rapidez com a qual os fatos são cobertos e alcançam as pessoas, a interatividade que ele permite e o fato de que ouvir rádio é uma atividade que pode ser conciliada com outras tantas.

Embora, como salientou Cavalcante et al (2011, p. 3), o rádio seja um meio de comunicação popular e acessível, ele não se iniciou desta forma no Brasil, uma vez que toda invenção geralmente tem um custo elevado para produção e difusão. Ferraretto (2014, p. 12) explora a ideia de que o rádio teve seu começo marcado por ser uma maneira do indivíduo ter contato com o mundo (em suas mais diversas esferas), porém, ele apresenta o fato de que esse indivíduo inicial que têm acesso ao rádio acaba por ter um padrão muito específico: ser parte da elite. Pois, no início da implementação deste meio comunicacional, ter recursos era imprescindível para ouvir as transmissões via ondas eletromagnéticas. Ferraretto (2014, p. 12) ainda diz que é a elite que financiou, como uma espécie de hobby, os clubes e sociedades que tinham um objetivo principal: “à escuta e à transmissão, base das primeiras estações brasileiras.” (Ferraretto, 2014, p. 12).

Foi apenas no dia 7 de setembro de 1922 que os brasileiros (que não faziam parte da elite) ouviram uma transmissão de rádio pela primeira vez, fato este ocorrido na então Exposição Internacional do Rio de Janeiro, organizada para ser uma comemoração destinada

ao centenário da independência do Brasil, e que acabou por demonstrar a força da nação e ser uma amostra do progresso vindo do estrangeiro (Ferraretto, 2014, p. 12).

Na noite deste mesmo 7 de setembro de 1922, os “telefones alto-falantes”, forma utilizada na imprensa para identificar as singelas cornetas colocadas em alguns pontos da exposição, trazem aos pavilhões a ópera O guarani, apresentada, a algumas quadras, no Teatro Municipal. As demonstrações integram o rol das novidades tecnológicas colocadas à disposição do público no estande dos Estados Unidos, um dos maiores da exposição. (Ferraretto, 2014, p. 13).

O que aconteceu, porém, é que as duas empresas responsáveis pelas transmissões, provavelmente por falta de comunicação, não se atentaram que as frequências escolhidas por ambas eram muito próximas. Desta forma, o resultado foi um som com muita interferência que acabou por prejudicar o interesse do público. Ferraretto (2014, p. 12) conta que

Ao contrário do que vai ocorrer a partir da década de 1930, estes pioneiros fazem isto, em um primeiro momento, sem interesses preponderantemente econômicos ou políticos. As irradiações têm pretensão educativo-cultural, incluindo, além de música gravada e ao vivo, até mesmo palestras de cunho científico. Indo ao encontro de valores burgueses, expressões musicais mais populares como o samba encontram resistência para serem veiculadas. Predomina, basicamente, um associativismo idealista de elite misturado a certo entusiasmo tecnológico, embora quem faça rádio execute suas tarefas em um permanente amadorismo. Se não chega a ser aquele experimentar no sentido dado pela ciência, o que vale para os pioneiros parece ser a ideia de ter a experiência de.

Validando o ponto de Ferraretto, Brasil (2022) publicou que o responsável por viabilizar a transmissão mencionada anteriormente foi um antropólogo e educador, o Edgard Roquette-Pinto, o mesmo que fundou no ano seguinte, em 1923, a primeira emissora brasileira de rádio: a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. O idealizador, que é tido como o pai da radiodifusão no país, acreditava que o meio de comunicação novo fazia o papel de escola para aqueles que não a tinham.

Ainda segundo Brasil (2022), nessa época o rádio ainda tinha forte caráter de experimento e só começou a se popularizar de fato na década de 1930, com a sanção de uma lei que permitia transmissões de propaganda nas emissoras de rádio, o que, obviamente, interessou muitas as empresas. Assim, elas iniciaram um forte investimento na área e os aparelhos começaram a se tornar mais acessíveis (e melhores). Desta forma, novas formas de

fazer rádio foram surgindo, dentre elas a difusão da música popular e de programas de entretenimento como radionovelas.

A “Era de Ouro” do rádio acabou por sendo a década de 1950, porém, este presente trabalho é prova viva de que o rádio continua sendo uma das principais formas de comunicação atuais e nunca deixou de interligar brasileiros com o mundo, levando informação, conhecimento e entretenimento das grandes capitais a até os mais remotos interiores. Este fato é fortalecido pelas mídias digitais, que expandiram as possibilidades e criaram novas formas de fazer rádio, sem, porém, desvirtuar a ideia principal: comunicar.

2.2 Breve história da internet

Para contextualizar as mídias digitais, é interessante entender a origem do meio que possibilitou a criação delas: a própria Internet. Assim como o rádio, ela precisou de anos e anos de descobertas para ser o que é atualmente.

Ao final da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos da América e a Inglaterra perceberam que o poder de ataque da Rússia era superior ao de ambos e passaram a considerar os russos inimigos em vez de aliados. Mediante a isso, nasceu a Guerra Fria entre USA (Estados Unidos da América) e URSS (União Soviética) e seus respectivos aliados, que acabaria por impulsionar muitas descobertas durante o processo de embate não-violento entre os países, que desejavam provar a sua superioridade por meio de avanços tecnológicos que minassem o interesse de uma atacar a outra por conta da força intelectual e, conseqüentemente, tática de ambos os lados (Almeida, 2005).

Assim, a URSS lançou o primeiro satélite artificial da história da humanidade, isso em 4 de outubro de 1957. Ele chamava-se *Sputnik* e tinha a capacidade de dar uma volta completa na Terra em meros 90m e emitir sinais radiofônicos nas frequências de 20 mHZ e 40 mHZ, ou seja: audíveis para todo mundo que utilizasse um rádio receptor. Em resposta a esse movimento russo, o então presidente dos USA criou a ARPA — *Advanced Research Project Agency*, que tinha o propósito principal de elaborar programas referentes aos satélites e ao espaço em geral (Almeida, 2005).

No entanto, com o surgimento da NASA — *National Aeronautics & Space Administration* — em 1958 parecia colocar à ARPA em risco, porém, em 1961 ela ganhou um novo propósito: a recente área desenvolvida, a informática. Criou-se então a *Command and Control Research* — CCR, que tinha seu trabalho baseado na utilização do “*batch*

processing”, um processo que não permitia uma comunicação interativa com outros computadores nem transmissão de dados entre si (Almeida, 2005).

Foi criado então o IPTO — *Information Processing Techniques Office*, especialmente pensado para a comunicação interactiva e transmissão de dados. Logo surgiu a necessidade da construção de uma rede de computadores que não tivesse sua comunicação tão limitada e o orçamento para a elaboração dela era de 19 milhões de *US dollar* (Almeida, 2005).

A ideia, segundo Almeida (2005), era de que

a rede deveria oferecer confiança aos utilizadores, isto é, as mensagens deveriam chegar intactas aos receptores quaisquer que fossem os acidentes encontrados no seu percurso entre o emissor e o receptor. A solução proposta para o problema compreendia por um lado a utilização de redes do tipo distribuído nas quais era possível conectar um receptor e um emissor utilizando vários percursos. Se um nó da rede avariasse a mensagem deveria continuar o seu percurso utilizando outro caminho disponível. Alguns anos antes o norte americano Paul Baran e o inglês Donald Davies tinham imaginado um sistema de comutação por pacotes que resolveria o problema. Uma mensagem nunca circularia completa na rede; seria “cortada” previamente em “bocados” que seriam enviados por caminhos distintos. Cada “bocado”, “encapsulado” num pacote conteria o endereço do emissor, o endereço do receptor, o número de ordem do “bocado” e, evidentemente, o conteúdo do “bocado”. Deste modo o computador receptor poderia reconstituir, localmente, para o receptor a mensagem original. Para aliviar o trabalho dos computadores – emissor e receptor -, denominado “host” foi decidido construir computadores intermediários que processassem o trabalho de “routing”. Cada computador seria assim conectado à rede através de um computador intermediário denominado IMP – Interface Message Processor.

Com o objetivo de que os computadores pudessem se comunicar entre si, foram feitos protocolos de comunicações: o Telnet — uma conexão interactiva entre um terminal e um computador remoto — e o FTP — *File Transfer Protocol*: transferência de ficheiros entre computadores (Almeida, 2005).

Esta primeira rede de computadores nasceu oficialmente no dia 1 de 1969 e chamava-se ARPANET. Elaborada entre 4 Universidades, ela antecedeu a criação da primeira comunidade virtual. Entre os estudantes das Universidades havia um chamado Vinton Cerf, que seria considerado pela História como “pai” da Internet. O surgimento de um grupo de trabalho chamado *Network Working Group* — NWG ocorreu nessas universidades e eles foram responsáveis por desenvolverem um protocolo chamado *Network Control Protocol* — NCP, que podia ser utilizado nos diversos “host” que estabeleciam conexões, interrompiam-as, comutavam-as e controlavam o fluxo das mensagens, assim, desta forma,

esta rede passou a não depender da linguagem do “hardware” que a suportava (Almeida, 2005).

A ARPANET baseava-se na utilização da rede telefônica comum. Os iniciais quatro nós da rede aumentaram para trinta, em agosto de 1972, o que foi considerado o marco para o início da primeira comunidade virtual do mundo. Junto a este acontecimento, outras redes foram criadas no USA, na Inglaterra e na França, onde surgiu a TRANSPAC, responsável por um nó instalado na cidade de Lisboa, em Portugal (Almeida, 2005).

No começo, a ARPANET tinha como principal função o envio de correio eletrônico, conhecido como e-mail, mas também havia forte presença de discussões “on-line” (os conhecidos fóruns). Com a marcante utilização dos membros da comunidade, o processo de desenvolvimento de programas utilitários para a simplificação do uso deste novo recurso tornou-se mais rápido. (Almeida, 2005).

Em 1972, a ARPANET passa a ser conhecida como DARPANET, com o D representando *Defense*, para lembrar a todos que a rede era financiada pelo Pentágono, que tinha interesse na ligação entre computadores geograficamente afastados, com a intenção de que o acesso remoto e o compartilhamento de dados fossem uma realidade e servisse para fins militares. Foi a partir daí que surgiu a ideia da “*International Network*”, uma rede internacional, e uma “*Interconnected Networks*”, uma conexão de redes regionais e nacionais nos USA. Estes termos antecedem o que seria conhecido como “Internet” (Almeida, 2005).

Entre 1973 e 1978 uma equipa de investigadores coordenada por Vinton Cerf no SRI (Stanford) e Robert Kahn na DARPA desenvolveram um protocolo que assegurava a interoperacionalidade e interconexão de redes diversas de computadores. Este protocolo denominou-se TCP/IP (Transmission Control Protocol e Internet Protocol) que substituiu totalmente o NCP em 1983. Entretanto o controle da ARPANET foi transferido, em 1 de Julho de 1975, para a US Defense Communications Agency conhecida pela sigla DISA (Defense Information Systems Agency). A operacionalidade e controle da ARPANET eram então totalmente executados pela Secretaria de Estado da Defesa dos USA. A DARPA financiou também projectos que permitissem a utilização da técnica de comutação de pacotes para navios em navegação e unidades móveis terrestres que dispusessem de meios de rádio. Este financiamento deu origem à construção da rede local Ethernet que para além da utilização do rádio também suportava a transmissão por cabos coaxiais. (Almeida, 2005, **correções minhas.**)

No início de 1980, a ARPANET tornou-se duas redes: a MILNET, destinada aos militares, e ARPANET, com propósito investigativo. O Departamento de Defesa estava por trás de ambas coordenando, controlando e financiando. Como a NSF, a *National Science*

Foundation, criada em 1975, enxergava certa problemática no domínio único dos militares sobre as chamadas redes de comunicação, ela decidiu criar a sua própria rede, a qual chamou de CSNET, a *Computer Science Network*. Esta tinha o objetivo de ser uma rede de conexão entre todos os laboratórios de Informática dos Estados Unidos da América. Entre os anos de 75 e 85 foram desenvolvidas redes de comunicação de dados que faziam uso de fontes de financiamentos dos mais variados exemplos, como UUCP¹, USENET², BITNET³ (Almeida, 2005).

Foi em julho de 1977 que Vinton Cerf e Robert Kahn demonstraram pela primeira vez o protocolo TCP/IP que seria utilizado em três redes: ARPANET, RPNET, STATNET. Ali, a Internet dava seus primeiros passos, porém, foi apenas em 1990 que o Departamento de Defesa dos USA encerrou a ARPANET e substituiu-a pela NSF, rebatizada como NSFNET. Ela veio a ser conhecida como Internet e popularizou-se no mundo todo, principalmente em virtude da criação do *www*, *World Wide Web*, fruto da mente de dois engenheiros do CERN — *Centre Européen pour la Recherche Nucléaire* —, o Robert Cailliau e o Tim Berners-Lee, do HTML — *HyperText Markup Language* — e dos Browsers (Almeida, 2005).

O primeiro browser utilizado foi o LYNX que apenas permitia a transferência de textos. O MOSAIC, concebido na Universidade de Illinois – USA, já permitia a transferência de textos e imagens. Do MOSAIC derivaram os populares Netscape e Internet Explorer. A Internet transforma-se num sistema mundial público, de redes de computadores - numa rede de redes -, ao qual qualquer pessoa ou computador, previamente autorizado, pode conectar-se. Obtida a conexão, o sistema permite a transferência de informação entre computadores. A infra-estrutura utilizada pela Internet é a rede mundial de telecomunicações (Almeida, 2005).

2.3 Rádio em formato podcast

A plataformação do rádio brasileiro impõe desafios e oportunidades, evidenciados tanto na prática cotidiana de uma rádio do interior quanto na análise teórica de autores como

¹ Originalmente um conjunto de programas que facilita a transmissão de informações entre computadores com sistema operacional Unix, que com o tempo passou a ser utilizado em outras plataformas. (OrigemWEB, 2003-2024). (OrigemWEB, 2003-2024).

² Rede mundial de computadores, que reúne milhares de grupos de discussão, nomeados e classificados hierarquicamente por temas. (OrigemWEB, 2003-2024).

³

Rede remota, para fins educacionais, que interliga computadores em milhares de universidades nos Estados Unidos, Europa e Japão. Criada na década dos 80, é administrada pelo Corporation for Research and Educational Networking (CREN). (OrigemWEB, 2003-2024).

Poell, Nieborg e Van Dijck (2019) e Del Bianco e Pinheiro (2022). Esse processo envolve a migração do conteúdo radiofônico para plataformas digitais, como *Spotify*, *Deezer* e *Google Podcasts*, e insere as emissoras na lógica algorítmica dessas infraestruturas digitais. A plataformização altera as dinâmicas de produção, circulação e consumo de conteúdo, exigindo adaptação operacional, capacitação das equipes e submissão às regras de visibilidade impostas pelas plataformas. Enquanto Poell, Nieborg e Van Dijck destacam a centralidade das plataformas na reconfiguração dos meios de comunicação, Del Bianco e Pinheiro apontam para os desafios locais, como a fragmentação da audiência e a desigualdade no acesso às tecnologias. A prática cotidiana em uma rádio do interior reflete essas tensões, mas também revela caminhos de inovação, como a produção de *podcasts*, o uso do “rádio que se vê” e a criação de aplicativos próprios. Assim, o rádio, ao mesmo tempo em que enfrenta obstáculos no ambiente plataformizado, reafirma sua capacidade histórica de adaptação e reinvenção.

Nesse contexto, emerge o debate sobre a relação entre o rádio e o *podcast*, duas formas de conteúdo que compartilham semelhanças, mas também possuem distinções importantes. O *podcast*, com sua lógica de transmissão sob demanda e sua presença em plataformas como *Spotify* e *Google Podcasts*, se insere nesse ecossistema digital e desafia as fronteiras do que se entende por “rádio”. Essa discussão, abordada por Delménico et al. (2020), aprofunda a reflexão sobre o que é o rádio e como ele pode se reinventar a partir do *podcast*. Mais do que um simples formato, o *podcast* representa uma oportunidade para o rádio ampliar suas possibilidades de produção e consumo, potencializando a capacidade de inovação das emissoras.

De acordo com Delménico et al (2020) há muitos debates sobre se o *podcast* pode ser encarado ou não como uma forma de fazer rádio, porém, o que é evidente é que eles possuem semelhanças e diferenças, o que faz com que estejam ligados independente das conclusões acerca do *podcast* ser ou não uma forma de rádio.

Por definição, o *podcast*

es un contenido en un archivo de audio digital al que las usuarias y los usuarios pueden acceder desde diferentes canales de distribución, como Spotify, Google Podcasts, iVoox, iTunes o Apple Podcasts, entre otros, y escucharlo cuando y donde quieran, a través de cualquier dispositivo (computadora, notebook, teléfono celular, altavoces inteligentes, tablet, etc.) e incluso en el auto, a través de una conexión del celular al estéreo. La palabra *podcast* proviene de la contracción de la sigla en inglés POD (Public On Demand) y broadcast (transmisión). Es decir, transmisión a demanda del público. Una versión menos extendida, pero igualmente asumida como válida para muchos/as investigadores y estudiosos/as del fenómeno, es la que

indica que el término POD proviene de iPod, en relación a su portabilidad. El término fue acuñado en 2004 por el periodista británico Ben Hammersley, quien, en una nota en el diario The Guardian, se refirió al podcast como una “revolución del audio” (Delménico et al, p. 6, 2020).⁴

Um fato interessante é que, segundo Delménico et al (2020), em uma entrevista de Luciano Banchemo, um jornalista pioneiro no mundo dos podcasts, ele disse que há diferença do rádio e o podcast é que o consumo, as plataformas direcionadas à distribuição, os formatos e modelos de negócio são diferentes.

E é aqui que acredito que esteja o cerne da questão: a plataformização da rádio é, na minha concepção, justamente a proposta de entender o que é a rádio e o podcast para saber se eles são meros aparelhos, formatos, linguagens, e, a partir daí, desse resultado, poder criar algo novo (ou talvez algo velho com roupagem nova): rádios pensadas e aplicadas para adotar o formato de podcast, que, assim sendo, sejam ratificações da rádio tradicional que possibilitem testes para ampliar as possibilidades de produzir e consumir o conteúdo radiofônico.

O relato a seguir mostra que isso é possível, basta que as pessoas que controlam as rádios entendam a quão poderosa pode ser essa união se ela for feita pensando em durar, e não apenas como um movimento temporário que está sujeito a findar antes de mostrar os resultados

Assim, com isso em mente, passo para o relato com uma certeza: essa experiência foi mágica. E, embora essa não seja a melhor palavra para um trabalho acadêmico convencional, aqui, em um espaço onde a proposta é feita por um sujeito criativo, não há sílabas mais corretas.

⁴ O podcast é o conteúdo de um arquivo de áudio digital que os usuários podem acessar de diferentes canais de distribuição, como Spotify, Google Podcasts, iVoox, iTunes ou Apple Podcasts, entre outros, e ouvir quando e onde quiser, em qualquer dispositivo (computador, notebook, celular, alto-falantes inteligentes, tablet, etc) e mesmo no carro, através de uma conexão de celular ao aparelho de som. A palavra podcast vem da contração da sigla em inglês POD (Public On Demand) e broadcast (transmissão). Ou seja, a transmissão sob demanda do público. Uma versão menos difundida, mas também considerada válida para muitos pesquisadores e estudantes do fenômeno, é a que indica que o termo POD vem de iPod, por conta de ser portátil. O termo foi adotado em 2004 pelo jornalista britânico Ben Hammersley que, em artigo do jornal The Guardian, referiu-se ao podcast como uma “revolução do áudio”. **(tradução livre)**

3. RELATO DE EXPERIÊNCIA: UM PROGRAMA RADIOFÔNICO HÍBRIDO

Como alguém que sempre teve uma paixão pelo rádio, eu me vi entusiasmado por receber convites para dar entrevistas nesse meio de comunicação tão importante para a história humana e impactante na vida de tantos moradores da minha região. Pois bem, o fato começou a ocorrer em 2016, quando iniciei meu trabalho com a internet e passei a ter, cada vez mais, opiniões tão fortes sobre o mundo digital que elas foram capazes de me levar até espaços tradicionais como o rádio analógico.

Ao ingressar no curso de Comunicação, em 2018.1, obviamente tive a minha atenção fixada nas disciplinas de rádio, isso logo no início da faculdade. Nelas, pude conhecer mais sobre a história e a linguagem radiofônica, o que apenas me deixou mais empolgado ainda com os novos convites para participar de programas de rádio dando entrevistas.

Eles continuaram surgindo graças ao meu trabalho em constante crescimento no meio digital; e esse era um movimento importante para mim, tanto quanto pessoal quanto profissional, pois, em diversas regiões, incluindo a nossa, o rádio é um meio de comunicação validado e formador de opinião. Portanto, estar presente nele não apenas me satisfazia enquanto um admirador do modelo radiofônico, mas, como disse anteriormente, principalmente como o jovem e criativo profissional que trabalha com comunicação.

Naquela época, eu não imaginava que o meu próximo passo nesse meio seria a reformulação de um programa de rádio. Isso aconteceu em 2021, em plena pandemia e ainda na minha graduação. O convite para efetuar essa mudança veio da Rádio Serrana Líder FM, um importante marco da história radiofônica regional, conhecida naquela época por muitos moradores de Jacobina e arredores.

A proposta da rádio era trazer jovialidade para o programa, assim conectando-o com o público digital, o qual eu conhecia muito bem e, desta forma, era peça chave para o que eles desejavam fazer, porém, além dos desafios que já sabia que teria, ainda havia outro naquele momento, o mesmo que afetava milhares de outras áreas: a COVID-19.

No entanto, eu não estava disposto a ceder às dificuldades e, por fim, aceitei o trabalho com a intenção de me dedicar de corpo e alma a ele. Além de tudo, não estava sozinho nisso, pois contava com o apoio do apresentador do programa que passaria por uma reformulação, o querido Davis Lima, que tem 50 anos atualmente e dedicou 30 deles ao rádio. Ele é produtor de evento além de um radialista com passagem por diversas rádios de Jacobina e Salvador,

entre elas a Itapuã FM, uma das emissoras mais tradicionais da capital baiana é destaque no currículo de Davis Lima.

O Beregedê, alcunha do programa, tinha um formato de entretenimento, com notícias de famosos e música, sendo transmitido apenas pela frequência modulada da Rádio Serrana Líder FM. Desde aquele momento, eu visualizava o como o modelo do programa poderia alcançar mais pessoas com o acréscimo das mídias digitais ao seu favor.

Assim que tive o primeiro contato com o Beregedê, o apresentador dele me convidou para a bancada, já que um dos meus propósitos ali era agregar o público da internet ao público do rádio e a melhor forma de fazer isso era com uma figura conhecida da audiência digital regional, assim como eu. Inicialmente, optamos por começar essa reformulação com o básico: transmissões no Facebook e Instagram com a utilização de smartphone apenas.

Às segundas-feiras, tínhamos como convidados pessoas que se destacavam no meio digital, com o objetivo de fortalecer ainda mais nossa base de ouvintes e divulgar o programa. Entretanto, para que nosso projeto de renovação radiofônica tivesse êxito, era necessário investimento em tecnologia e na estrutura do estúdio. Não havia como fazer uma verdadeira reformulação sem verba, apenas com um celular e um objetivo distante. Como a direção não demonstrou interesse, talvez por não entender as vantagens do meio digital e o quanto ele pode ser lucrativo, infelizmente acabamos por decidir encerrar o programa digital após um ano e meio de reformulação.

Porém, foi com empolgação que Davis e eu, ainda no mesmo ano, após o encerramento com a Rádio Serrana, fomos convidados para retomar o programa na Rádio Jacobina FM, que tem um reconhecimento regional absurdo e uma validação inestimável para comunicadores, principalmente os admiradores de rádio como eu.

A rádio estava passando por uma renovação na diretoria dela e desejava reformar o estúdio e a grade de programação. O investimento que a Serrana Líder FM teve receio de fazer, a Jacobina FM parecia entender que era necessário. Com isso em vista, analisamos a proposta de forma animadora, pois ela tinha a intenção de realmente integrar o digital com o analógico, tornando ambos uma fonte de comunicação e investimento viável.

O que posso dizer de todo esse primeiro momento de contato com o mercado radiofônico, desde o convite da Serra Líder FM até o da Jacobina FM, é que eu tive um enorme crescimento e validação profissional na região, o que me deu acesso a espaços que abriram muitas portas para mim e me deram novas perspectivas do meu trabalho, pois sinto

que meu lado profissional com a internet já era conhecido, mas consolidou-se de fato com a minha entrada para a indústria radiofônica local.

O processo de introdução da linguagem digital na Rádio Jacobina FM foi gradual, pois, obviamente, era necessário adaptação e equipamentos. Como dito anteriormente, a Rádio estava disposta a investir nessa ideia de inovação e, por isso, ainda em 2022, passou por reformas estruturais e adquiriu ferramentas necessárias que ajudariam no processo de integração do digital com o analógico. Além da parte estrutural, a direção estava em busca de novos nomes para assumirem a grade de programação, já que a renovação precisava atender às demandas do novo público.

Durante esse processo, procuramos respeitar a linguagem radiofônica em sua totalidade e, ao mesmo tempo, torná-la interessante para o meio digital. Continuei, junto a Davis Lima, a missão de tornar o programa Beregedê ainda mais jovial e instigante, um grande desafio, já que se tratava de um programa matutino e semanal, com duas horas de duração.

Em meio às mudanças na empresa, assumi a missão de cuidar de toda a parte digital da rádio. Decidi sair do programa e focar exclusivamente no processo de massificação das plataformas digitais, o que ajudaria ainda mais na captação de público e publicidade. O Instagram da rádio deixou de ser apenas um canal para divulgar programas e conteúdos da grade de programação, transformando-se em uma revista digital responsável por trazer notícias em tempo real e peças publicitárias. Isso abriu novas oportunidades para que as pessoas da região pudessem anunciar diretamente na plataforma.

Depois de um tempo no digital da Rádio Jacobina e sem estar efetivamente em um programa, a direção voltou a me questionar o motivo de eu não ter meu próprio programa. Afinal de contas, eu já sabia me comunicar com o público da web e cada vez mais aprendia e aprimorava meu uso da linguagem radiofônica. Assim, eu decidi pensar em um projeto que coubesse na minha agenda e fizesse sentido para o novo contexto digital da Rádio.

Sabia, porém, que programas diários estavam fora de cogitação devido às demandas expressivas do meu trabalho como comunicador digital. Desta forma, precisei de uma solução que não barrasse nem meu trabalho na rádio nem meu trabalho externo a ela.

Foi deste impasse que surgiu a ideia de um programa no final de semana, em um horário que não interferisse de forma alguma nos meus outros compromissos. O sábado a partir das 15h era um horário vago na grade de programação, então comecei a considerar essa possibilidade.

Quanto ao formato do programa, imaginei que eu poderia agregar outros profissionais da área de comunicação para que eles pudessem experimentar o que eu já vivi. Conhecer o rádio de dentro para fora é algo mágico, que encanta e forma quem presencia e quem escuta.

Então, pensei em um programa de rádio diverso, mas que funcionasse como uma colaboração criativa. Decidi convidar meu amigo e parceiro em outros trabalhos, João Moraes, excelente fotógrafo, um profissional e pessoa muito criativa. Convidei também Pedro Kioto, filmmaker e diretor da Move Filmes, e Lucas Alkm, também filmmaker.

Antes de fazer o convite, porém, preparei todo o esboço da proposta: um programa de rádio, com transmissão no YouTube e uma rede social de apoio. Quando conheceram o projeto, eles logo aceitaram participar. Acredito que era visível a importância de movimentos como aquele que estávamos dispostos a fazer. E aqui eu não falo apenas do fato profissional do trabalho, mas sim pensando no papel sociocultural que ele teria para a população local, afinal, como dito anteriormente, as rádios são formadoras de opinião e não é justo que fiquem limitadas a um público X quanto podem alcançar o público X e Y.

Bem, continuando. Com o convite para a parte técnica aceito, precisávamos fazer uma visita ao estúdio para ver o que seria necessário para tirar o projeto do papel. Constatamos que as câmeras do estúdio não eram ideais para uma transmissão de som e imagem limpa e de qualidade. Decidimos, então, usar as câmeras profissionais dos meus colegas filmmakers, o que exigiu a compra de cabos e conexões adequados para os aparelhos do estúdio.

Como ninguém da equipe tinha experiência com mesa de som e sistema de rádio, passamos duas semanas estudando com o técnico da rádio, já que, nos finais de semana, a Rádio não disponibilizava técnico para a produção de programas, um privilégio restrito aos programas semanais. Porém, entendíamos que não era uma questão de negligência da Rádio, e sim de impossibilidade mesmo.

Tanto era que a direção dela estava animada para a inauguração do projeto, pois eles logo começaram a nos pressionar para escolher a famosa data de estreia, algo, infelizmente, ainda inviável naquele momento por estarmos ajustando os equipamentos e o roteiro que seguiríamos no programa. Acabamos, por fim, decidindo que precisamos de mais segurança e, para obtê-la, resolvemos fazer um episódio piloto.

Convidamos o diretor da rádio, Mateus Carvalho, e nesse programa falamos sobre o rádio e a internet, e o como esses dois mundos estavam se encontrando. Optamos por bloquear a transmissão via YouTube para o público e manter apenas a transmissão aberta via rádio, pois no estúdio não havia como fechar. Assim, realizamos esse episódio teste.

Constatamos que seria impossível começar o programa exatamente às 15h, pois o programa anterior terminava nesse horário. Então, pedimos um intervalo de 30 minutos para montagem, algo necessário para instalar câmeras, cabos e iluminação, além de configurar os programas de *streaming*. Com a ajuda do piloto, conseguimos enfim decidir o horário que o programa ocorreria: ele ficou marcado para os sábados, das 15h30 às 17h.

Porém, havia ainda um impasse: a falta de verba para o técnico. Se quiséssemos ter alguém para a parte técnica do programa, teríamos que arcar com o valor da diária, o que estava fora de cogitação, já que não tínhamos orçamento para cobrir essa despesa. No entanto, esse problema não iria impedir a inauguração do programa, pois estávamos dispostos a aprender o que fosse necessário para entregar o melhor resultado para a audiência, contudo, antes de escolher a data de estreia, precisávamos definir o formato.

Minha ideia era um programa de entretenimento que recebesse um convidado por semana para falar sobre sua vida e experiências. Não haveria um tema específico e nós tentaríamos abranger diversos tipos de profissionais. Além disso, queria incluir uma pitada de fofoca e assuntos em alta nas redes sociais, para que o convidado pudesse expressar sua opinião sobre determinados temas. A ideia era que fosse algo capaz de conectar o público da web e ainda conversar com o público da rádio tradicional.

Outra característica muito comum no rádio e que me agrada bastante é a presença do horóscopo nele. Com isso em mente, achei que seria interessante falar sobre signos e trazer mensagens positivas para o público e para os nossos convidados. Porém, eu não poderia cuidar de tudo isso sozinho.

Como eu precisaria de apoio nessa parte, pensei em duas pessoas para ficarem responsáveis por essas editorias de conteúdo: Rafaela Navarro, que sempre postava frases positivas nas redes sociais e conhecia bastante sobre signos, e Anny Olinda, que estava sempre por dentro das fofocas das redes sociais. Ambas tinham trabalhos significativos no digital, o que ajudaria no engajamento do nosso programa.

Muitas pessoas pensam que o trabalho com o digital não é cansativo e/ou relevante, mas eu sabia que ambas teriam um papel fundamental no programa e se dedicariam a ele com mestria, pois conhecia o que eram capazes e eu já vislumbravam resultados positivos antes mesmo do convite.

Quando foram chamadas, elas aceitaram a proposta de imediato e não tentaram esconder de forma alguma o quanto ficaram animadas para trabalharmos juntos.

Fizemos, então, uma reunião para alinhar tudo com a equipe. Enviei o projeto para a direção da rádio e ela aprovou. O próximo passo foi preparar as redes sociais e o YouTube do programa, além de montar a estratégia de publicidade. Fizemos um ensaio fotográfico de toda a equipe e postamos bastidores nas nossas redes sociais, marcando apenas o @ do projeto.

Logo começou a repercussão do trabalho e as pessoas começaram a seguir a rede do programa, mesmo sem saber ao certo o que seria o “fervopro” – o nome de usuário que conseguimos colocar.

O nome “Fervo” foi inspirado nas expressões populares da comunidade LGBTQIA+, as quais são usadas para descrever eventos animados, intensos ou “quentes”. O nome traduz perfeitamente a ideia de um programa dinâmico, repleto de acontecimentos, energia e um bate-papo descontraído e fundamental para a cultura jacobinense.

E, bem, como foram lançados 21 programas do Fervo e não seria viável relatar a minha experiência completa, escolhi os 3 primeiros programas para explorar mais os acontecimentos deles e poder contextualizar um pouco sobre como foi liderar um projeto como esse diante dos microfones e das câmeras.

O programa número 01, nossa estreia, aconteceu no dia 22 de outubro de 2022, com a participação especial de Davi Lucca, um jovem cantor com um grande público na nossa região. Nele, também contei com a presença de João Moraes, Any Olinda, Rafa Navarro, Lucas Alkm comandando a mesa e Emmanuel Rios, técnico da rádio que estava presente nos ajudando a não cometer nenhum deslize que tirasse o programa do ar, já que não tínhamos experiência técnica com o equipamento.

3.1 PROGRAMA 01: DAVI LUCCA⁵

Programando: Fervo

Formato: Entretenimento

Duração: 1 hora e 30 minutos

Tema: Livre

Convidado: Davi Lucca

Horário: 15:30



[figura 1: acervo de divulgação do @FervoPro]

⁵ Disponível em https://www.youtube.com/live/PiBioTQAT7c?si=nOZJjy_hH9o3MNHc

LOCUTOR	TÉCNICO	BG
	Vinheta do programa	
Bloco 1 (ambientação)		
Gabriel Suris – ambientar os ouvintes sobre o programa		Sem BG
Gabriel Suris – chama o convidado		
Davi Luca – apresenta-se		
	Início do bate papo	
Gabriel Suris – chama os intervalos - 16:00		
	Intervalo 5 minutos	
	Vinheta do programa	
Bloco 2 (Quadro “ Momento Namastê ”)		
Gabriel Suris – chama o quadro “ Momento Namastê ”		
Rafa Navarro – conduz o “ Momento Namastê ”		
Fim do quadro		
Gabriel Suris – chama a música de Davi Lucca		
	Música - privê Davi Lucca (00:00 - 00:20)	
Gabriel Suris – retoma o bate papo com o convidado		

Davi Luca – responde as perguntas feitas por Gabriel Suris		
Rafa Navarro – participa da conversa com o entrevistado		
Gabriel Suris – despede-se de Rafa Navarro e chama o intervalo (16:30)		
	Intervalo de 5 minutos	
	Vinheta do programa	
Bloco 3 (final)		
Gabriel Suris – chama o quadro “ É babado ”		
Any Olinda – conduz o quadro “ É babado ”		
fim do quadro		
Gabriel Suris - retoma o bate papo com o convidado		
Any Olinda – participa do bate papo		

Davi Luca – responde às perguntas		
Gabriel Suris – chama a Caixa Preta e faz a dinâmica com o convidado		
Gabriel – agradecimentos (16:55)		
Davi Lucca – despede-se do público		
Gabriel Suris – despede-se do público do rádio e Youtube		
	Fim do programa (17h30m)	

O primeiro episódio iniciou-se com uma música temática, com a cara do projeto, e contou comigo resolvendo pequenos detalhes ao vivo antes de iniciarmos a entrevista. Nessa primeira transmissão, ainda disponível no canal do Youtube do projeto, é possível também me ver concentrado esperando o momento de entrar no ar. Ao estarmos ativos na rádio e nas redes, sentia-me em casa e, se estava nervoso, não me lembro nem deixei transparecer ao público, ao convidado ou à equipe. Afinal, de certa forma, eu deveria liderar a conversa e tornar o programa o melhor possível.

Embora já tivesse conquistado certo respeito com as participações nas entrevistas de rádio, nos programas anteriores e, principalmente, na minha carreira solo como digital influencer, aquele era o meu primeiro programa onde eu era realmente um apresentador responsável por fazer as coisas acontecerem. Se fosse um sucesso, eu seria uma das causas dele, se fosse um fracasso também.

A pressão era grande, com certeza,, mas minha experiência profissional anterior acabou por me ajudar muito a manter a calma e entender que estávamos preparados para tudo que pudesse acontecer, afinal, caso ocorresse algum imprevisto, não seríamos o primeiro

projeto ao vivo a passar por algo assim e sobreviver, e o que dizia respeito ao formato de podcast, eu encontrava-me tranquilo sobre isso, pois as pessoas sempre poderiam pular as partes que não gostassem tanto assim. Essa era uma vantagem da gravação. Ninguém ali, assistindo fora do ao vivo, mantinha-se refém de tópicos que não interessassem a esse público específico. O que também não significa que isso não foi uma preocupação nossa: manter a atenção das pessoas presas ao episódio como um todo, e não apenas recortes.

E, bem, ali, nos primeiros minutos de transmissão, eu situei o público sobre o que seria o programa, explicando que O Fervo era um podcast, mas também um programa de rádio. Eu utilizava uma linguagem informal na minha fala, com a intenção de que fosse uma comunicação viável para um público mais jovem, no entanto, nada que pudesse desagradar a parte mais conservador da audiência, que estava ligada no projeto por meio da rádio FM. A intenção não era criar uma barreira entre a rádio tradicional e a proposta nova que estávamos tentando colocar em prática mais ativamente, e sim ter mais público e mais oportunidades para a comunicação jacobinense, ou seja: desagradar qualquer parte da audiência estava fora de questão.

Oficialmente, o bate-papo com Davi Lucca começou às 15h37 no horário de Brasília e a escolha dessa atração foi estratégica, pois visava atrair tanto o público da internet quanto o do rádio, já que Davi canta sertanejo, um gênero muito popular entre grupos de faixas etárias diversas. Além disso, contar com uma atração musical foi uma segurança extra: caso eu enfrentasse algum problema na condução do programa, poderia pedir para ele cantar, algo que cheguei a brincar com o próprio Davi. O clima do projeto era esse: descontraído e com direito a muitas risadas, incluindo brincadeiras como a da Caixa Preta, literalmente uma caixa preta com uma surpresa para o convidado a qual apenas eu sabia o conteúdo e, como forma de engajar o público e melhorar o alcance nas redes, convidei-os a adivinhar o que havia na caixa.

Dando prosseguimento ao programa, iniciei a entrevista com o convidado perguntando a ele sobre a sua carreira musical e aproveitamos para citar onde e como o jovem começou a cantar, isso antes de ter a sua própria banda. Como eu já sabia, o Davi Lucca fortaleceu-se por meio das redes sociais, mais uma vez provando a força da internet em revelar novas vozes e ampliar a cultura da região. Ali, naquele bate-papo, conhecemos mais do cantor e da sua trajetória, inclusive eu perguntei sobre como era a sua relação com os amigos no começo da carreira e Davi relatou que a maioria dos deles preferem apoiar pessoas de fora, que estão

longe, do que as que estão perto, um sentimento muito presente em quem trabalha com arte e comunicação como Davi, eu e meus colegas de programa.

O convidado contou-nos que iniciou seus primeiros shows em Jacobina, em 2018, e um tempo depois dessa informação dada no programa, aproveitei para entender como foi para ele a época da pandemia da COVID-19, em 2020, já que Davi, assim como todos da sua classe artística, ficou proibido de fazer seus shows.

O cantor relatou que sua presença para os fãs se limitou ao digital e ele chegou até mesmo a gravar dois clipes nesse período, mas que sentiu muita falta de Jacobina, de fazer shows na cidade. Esse momento foi muito interessante e válido de ser dito aqui, pois abriu espaço para falarmos sobre *influencers*, *Instagram* e, principalmente, a *renovação* proposta pelo programa que juntava a rádio e o podcast ao exibir o áudio do projeto na frequência de rádio, ao vivo, e ainda possibilitar que o som e a imagem fossem gravados em formato de *podcast* para serem exibidos quando e onde o público desejasse.

Bem, por volta de 30m depois do programa iniciar, partimos para um comercial com publicidade da abertura de mais um Mix Mateus em Jacobina e apoio à candidatura do então candidato à presidência do país e atual líder nacional, Luiz Inácio Lula da Silva, conhecido como Lula, passando logo depois para o reforço de ACM Neto para a política baiana. Houve outras propagandas antes que voltássemos ao ar junto do nosso convidado e, naquele momento, da minha colega Rafaela Navarro.

Como dito anteriormente, Rafaela foi um nome cotado para participar justamente por sua forte afinidade com um formato de comunicação mais leve e descontraído, além de seu interesse genuíno por signos, uma característica frequente em rádios que sempre me agradou. E, assim, ocorreu sua primeira participação no programa, com ela falando um pouco sobre o signo do nosso convidado, além de prosseguir a conversa com uma frase positiva no Momento Namastê. Depois, Rafaela voltou ao horóscopo contando um pouco de cada signo e conduzindo a cena por um tempinho com a minha ajuda.

Dando prosseguimento, soltamos em primeira mão o próximo lançamento musical do nosso convidado e depois conversamos mais sobre a carreira de Davi Lucca e outros tópicos antes de entrarmos em um breve comercial com publicidade novamente, isso após quase 1h de programa. Na volta, foi a vez da Any Olinda entrar ao vivo comigo e nosso convidado trazendo fofocas de famosos para debatermos.

É importante reforçar que esse lado do projeto é tão importante quanto todos os outros. Era ali que podíamos criar mais conexão com o público mais novo ao falar de figuras públicas

que eles conheciam e até mesmo com o público mais conservador ao trazer outras pessoas famosas que fossem referência para essa parcela da audiência.

Após esse momento de descontração com fofocas sobre famosos, incluindo uma sobre Davi Lucca e um vídeo viral no TikTok, partimos para a Caixa Preta, de onde tirei um papel que pedia ao convidado para dizer um motivo que o faria ir para o céu e um motivo que podia o fazer ir para o inferno. Davi brincou que o seu motivo para ir para o céu seria o tanto que já sofreu na vida, enquanto o motivo para ir para o inferno seria seu humor ácido.

Partimos depois para outra pergunta sobre *talaricagem*, na qual o convidado respondeu de imediato que não se importava com isso de forma alguma. Houve ainda uma pergunta antes da brincadeira final, que consistiu em 3 cartas de UNO com uma de bloqueio, uma de reverso e uma de mais 4. Davi foi convidado a dizer uma pessoa que bloqueou nas redes e, sem hesitar, ele contou sobre Kevi Jonny, outra figura conhecida da região, que parou de seguir Davi nas redes e acabou bloqueado pelo também cantor.

Depois, com o uso da carta Reverso, perguntamos ao Davi sobre o que ele mudaria no passado se pudesse voltar no tempo. A resposta do artista foi que ele teria trabalhado melhor a carreira entre 2018 e 2019. Por último, a brincadeira foi com o uso da carta mais 4, que no jogo UNO costuma atrasar o jogador. Pedimos então ao Davi Lucca que ele a entregasse a alguém. Reforçando que não tinha nada particularmente contra Kevi Jonny, o jovem disse que o cantor seria uma pessoa a quem daria um mais 4, por conta da situação desnecessária nas redes.

Por fim, encerramos o programa com uma última pergunta tirada da Caixa Preta, a qual se tratava da indagação sobre uma vergonha que o convidado já passou na vida. Ele relatou o momento que sua calça rasgou no palco, e, assim, depois desse papo descontraído, encerramos com os agradecimentos pela presença do Davi Lucca.

O resultado final foi um sucesso. A transmissão no YouTube atingiu 500 espectadores simultâneos, o que era muito para um projeto estreante em um formato novo para a audiência conservadora e até mesmo para o público mais digital. Já no rádio, embora não tivéssemos como medir a audiência exata, percebemos a repercussão positiva pela boca a boca e pelos comentários na rede do projeto.

Após o programa, publicamos recortes no Instagram com os momentos mais marcantes, permitindo que mais pessoas conferissem trechos importantes. Essa estratégia rendeu-nos um aumento significativo de seguidores na plataforma, o que foi essencial para

fechamos publicidades híbridas, combinando anúncios no programa de rádio e nas postagens do Instagram.

3.2 PROGRAMA 02: EMANUELLE HORA⁶

[figura 2: acervo de divulgação do @FervoPro]

Programando: Fervo

Formato: Entretenimento

Duração: 1 hora e 30 minutos

Tema: Livre

Convidado: Emanuelle Hora

Horário: 15:30



LOCUTOR	TÉCNICO	BG
	Vinheta do programa	
Bloco 1 (ambientação)		
Gabriel Suris – ambienta os ouvintes sobre o programa		Sem BG
Gabriel Suris – chama o convidado		
Emanuelle Hora – apresenta-se		

⁶ Disponível em https://www.youtube.com/live/xPnrgRfQLFc?si=IOXMFdKCwZMtVF_Q

	Início do bate papo	
Gabriel Suris –publicidade Motel Privilege		
Gabriel Suris – chama os intervalos –16:00		
	Intervalo 5 minutos	
	Vinheta do programa	
Bloco 2 (Quadro “ Momento Namastê ”)		
Gabriel Suris – Publicidade Motel Privilege		
Gabriel Suris – chama o quadro “ Momento Namastê ”		
Rafa Navarro – conduz o “ Momento Namastê ”		
Fim do quadro		
Gabriel Suris – retoma o bate papo com o convidado		
Emanuelle Hora – responde as perguntas		
Rafa Navarro – continua a participar do bate papo		
Gabriel Suris – despede-se de Rafa navarro e chama o intervalo (16:30)		
	Intervalo 5 minutos	

	Vinheta do programa	
Bloco 3 (final)		
Gabriel Suris – chama o quadro “ É babado ”		
Any Olinda – conduz o “ É babado ”		
Fim do quadro		
Gabriel Suris – retoma o bate papo com o convidado		
Any Olinda – participa do bate papo		
Emanuelle Hora – participa do bate papo		
Gabriel Suris – chama a Caixa Preta e faz a dinâmica com o convidado		
Gabriel – agradecimentos (16:55)		
Emanuelle Hora –despede-se do público		

Gabriel Suris – despede-se do público do rádio e Youtube		
	Fim do programa (17:30)	

Prosseguindo para o programa 02, reforço que ele foi uma experiência incrível tanto ou mais que o primeiro. Ido ao ar no dia 29 de outubro de 2022, contamos com a presença da influencer Emanuelle Hora, que se dispôs a nos contar sobre a sua vida digital, a sua maternidade e outros diversos assuntos.

Porém, neste programa tivemos um pequeno problema na introdução que nos impediu de entrar no ar no horário exato, por isso, como forma de contornar a situação ao menos ao público do Youtube, ele acompanhou o Giro Quente feito em Jacobina, em uma festa de Halloween coberta por mim, com direito a fantasia de Cruela Devil e tudo mais. O quadro foi pensado como uma oportunidade de mostrar mais das pessoas de Jacobina e como uma estratégia de aproximar o público jovem da rádio, da comunicação que ela podia oferecer e mostrar que não precisava ser algo rígido e tão sério quanto a ideia que se tinha sobre esse meio de comunicação até aquele momento na região.

No começo do programa, situei o público dessa situação e dei prosseguimento à transmissão para não dar foco ao impasse. Assim, logo passei a dar atenção à nossa convidada ao trazer para o centro da conversa a maternidade e a gestação dela.

Manu contou-nos que sua carreira digital começou em 2015 com dicas de moda e beleza. Eu trouxe para a conversa a informação de que um dos seus posts que viralizou no início consolidou mais a sua presença digital, dessa forma conduzindo a entrevista com uma demonstração óbvia de que eu tinha as informações necessárias para um diálogo dinâmico. Esse é ponto interessante de ressaltar aqui porque é importante reforçar o quão sério é o formato do programa, embora seja descontraído.

Conhecer o convidado era fundamental para a condução da entrevista, muito embora as pessoas acreditem que o formato podcast consiste em apenas abrir uma câmera e colocar um microfone à frente, assim, sem preparação, sem preocupação. Essa não é a verdade, ao menos, não atualmente e muito menos na proposta que tínhamos para o “Fervo”.

Ali, era preciso respeitar a linguagem do rádio e entender que aquele não era apenas um bate-papo entre pessoas. Tínhamos um tempo limite para tudo e precisamos seguir o roteiro, embora ele pudesse sofrer alterações, afinal, nada ao vivo está livre de modificações, porém, tudo, inclusive um conteúdo ao vivo, estava sujeito à um pouco de noção da parte dos envolvidos, algo que tínhamos de sobra ali. Cada pessoa presente sabia os limites, tanto de tempo quanto de tópicos a serem abordados com a convidada, principalmente em respeito ao seu estado sensível devido a gravidez.

Bem, seguindo o relato do programa, nós falamos sobre tópicos pessoais que se mesclavam à vida profissional da influencer, como por exemplo o fato de seu pai adorar os recibos de comida (mimos geralmente enviados por estabelecimentos em troca de postagem nas redes sociais) e ficar ao lado da jovem esperando ela terminar de gravar para poder comer.

Após esse momento, trouxe para a conversa uma pergunta do público: qual tinha sido a campanha publicitária que mais havia marcado a profissional e a consolidado no ramo. A pergunta era muito interessante, mas a convidada, porém, não recordou nenhuma resposta em relação à vida profissional, acabando por lembrar de fatos da vida pessoal que correspondiam justamente à memória ruim dela. Para não criar um clima chato de insistência, resolvi esquecer a pergunta e seguir a condução do diálogo para a vida pessoal dela, assim, acabamos falando mais sobre a sua gestação de gêmeas.

O lado profissional voltou à tona naturalmente e entramos no assunto de que quando ela e eu começamos nesse ramo as coisas eram muito difíceis, uma vez que hoje em dia as pessoas entendem que o que fazemos no digital é realmente uma profissão, e não uma brincadeira ou uma exposição desnecessária das nossas vidas.

Depois disso falamos mais um pouco sobre temas variados da vida pessoal da convidada, rimos bastante, inclusive com alguns comentários do público bem positivos sobre o programa e, meia hora depois de entrarmos no ar, fomos para os comerciais.

Na volta, lembramos ao público que os comentários no *chat* valeriam uma *voucher* do Motel Privilege, o nosso primeiro parceiro, e orientei o público que estava sintonizado pela rádio tradicional a entrar em contato no WhatsApp para dizer que desejava participar do sorteio.

Encerrei o comunicado falando que no Instagram do programa havia em destaque uma visita nossa ao Motel Privilege e anunciei minha colega Rafaela Navarro para fazer o

Momento Namastê, onde ela trazia tudo sobre os signos e mensagens motivacionais direcionadas à semana.

O papo foi super divertido, com direito a risadas quando brinquei que meu inferno astral era, pelo jeito, toda e qualquer pessoa que atravessava meu caminho. Comentário esse que surgiu depois da Rafaela dizer que tínhamos tendência a nos relacionar com novos infernos astrais, opostos a nós.

Depois disso, Navarro entrou no tópico dos signos das gêmeas, o que pareceu interessante muito a convidada fã de signos. Aproveitando o momento, um tempinho depois trouxe à tona uma amiga em comum de Manu e eu e o fato de elas trocarem informações e acolhimentos a respeito da maternidade, uma vez que Vitória Franco, nossa amiga, também tem uma filha.

Engatamos em um papo sobre isso e o como seria a vida depois do nascimento das gêmeas. Posterior a esse momento, entramos nos comerciais e depois um teaser do Giro Quente, além de uma breve amostra da estrutura do Motel Privilege. Tudo isso foi necessário, pois acabamos nos atrasando para entrar no ar graças a um pequeno problema técnico.

Na volta, como de costume, contamos com a presença da convidada e também de Any Olinda para falarmos sobre fofocas, o tema mais aguardado de todos os presentes. Minha querida colega iniciou o seu quadro já citando uma polêmica de um morador de rua que dormiu com uma mulher a qual descobriram depois que tinha problemas psicológicos.

Any Olinda trouxe para a conversa o fato de que, mesmo depois de toda a repercussão do caso, ainda que ele tenha tido a mídia focada nele por um tempo considerável, o homem acabou por voltar para as ruas e virar meme nas redes uma segunda vez.

Logo depois, a Any Olinda contou-nos sobre o fato de que Claudia Leitte foi cortada de um evento em Salvador por postar alguns stories com a bíblia e um abajur que parecia uma arma, o que muitas pessoas temeram que pudesse ser apoio a um candidato que elas não gostavam, o que acabou refletindo na carreira profissional da cantora.

Em seguida, falamos um pouco sobre o Giro Quente, minutos antes de Rafaela Navarro entrar o recebido do dia, com várias comidas deliciosas, enviadas pela Delícia da Irá, um estabelecimento de Jacobina.

Por fim, Emanuelle Hora prometeu a Any Olinda uma polêmica e acabou por nos contar sobre uma *fake news* que surgiu em relação ao pai de suas filhas.

Segundo fontes desconhecidas, ele estava em Jacobina sem Manu saber paquerando várias meninas, porém, as únicas vezes que o companheiro dela esteve na cidade foi com a influencer. Essa, porém, ainda não era a polêmica, pois ela tratava-se de uma fake news de que Manu tinha ido fazer um aborto, mas ao descobrir a gravidez de gêmeas desistiu.

Para finalizar o programa, fizemos a Caixa Preta com a convidada no mesmo esquema da anterior com Davi. A primeira pergunta foi sobre o que deixava Emanuelle Hora triste. Como uma boa grávida, ela respondeu primeiro “falta de comida”, logo depois, “injustiça” e “falsidade”. O papel seguinte indagava sobre algo que a fazia feliz. A resposta dela foi que pequenos detalhes a deixavam feliz, incluindo comida. Por último, fizemos a brincadeira com as cartas, onde a carta de bloqueio deveria ir para alguém, a de reverso seria usada para voltar ao passado e a de mais 4 para dar a algum desafeto.

Manu, como uma pessoa feliz com a vida, acabou por nos enrolar por tempo suficiente para não usar nenhuma das cartas, o que nos deu tempo para a Any Olinda fazer uma última pergunta para a convidada: se suas viagens pelo país foram usadas para fazer algum *network*. A influenciadora disse que, sim, principalmente nas últimas, que foram para Gramado, Brasília e Porto Alegre.

Ao final, demos a palavra para a convidada agradecer aos fãs dela que acompanharam o programa e ela aproveitou também para agradecer o convite para participar do “Fervo”.

3.3 PROGRAMA 03: ANDRÉ MANFRINE⁷

[figura 3: acervo de divulgação do @FervoPro]

Programando: Fervo

Formato: Entretenimento

Duração: 1 hora e 30 minutos

Tema: Livre

Convidado: André Manfrine

Horário: 15:30



⁷ Disponível em https://www.youtube.com/live/dVYIZgcqhwA?si=-laBPur_asDgrufl

LOCUTOR	TÉCNICO	BG
	Vinheta do programa	
Bloco 1 (ambientação)		
Gabriel Suris – ambientar os ouvintes sobre o programa		Sem BG
Gabriel Suris – publicidade Prima Vibe		
Gabriel Suris – publicidade Motel Privilege		
Gabriel Suris – chama o convidado		
André Manfrine – apresenta-se		
	Início do bate papo	
Gabriel Suris – chama os intervalos - 16:00		
	Intervalo 5 minutos	
	Vinheta do programa	

Bloco 2 (Quadro “ Momento Namastê ”)		
Gabriel Suris – publicidade Motel Privilege		
Gabriel Suris – chama o quadro “ Momento Namastê ”		
Rafa Navarro – conduz o quadro		
Fim do quadro		
Gabriel Suris – retoma o bate papo com o convidado		
André Manfrine – responde às perguntas		

Rafa Navarro – participa junto do bate papo		
Gabriel Suris – despede-se de Rafa Navarro e chama o intervalo (16:30)		
	Intervalo 5 minutos	
	Vinheta do programa	
Bloco 3 (final)		
Gabriel Suris – chama o quadro “ É babado ”		
Any Olinda – conduz o “ É babado ”		
Gabriel Suris – retoma o bate papo com o convidado		
Any Olinda – permanece no bate papo com o convidado		
André Manfrine – interage com Gabriel e Any		
Gabriel Suris – chama a Caixa Preta e faz a dinâmica com o convidado		
Gabriel – agradecimentos (16:55)		
André Manfrine – despede-se do público		
Gabriel Suris – despede-se do público do rádio e Youtube		
	Fim do programa (17:30)	

Já o programa 03, o último a ser relatado aqui, foi muito bem representado também por um outro cantor da região, André Manfrine, e foi ao ar no dia 05 de novembro de 2022.

O episódio iniciou um pouco atrasado por conta de um problema técnico, mas logo pegamos o ritmo, introduzindo o convidado ao público e situando a todos sobre mais dois

sorteios, dessa vez de um ingresso para o PrimaVibe, com shows de vários cantores, incluindo o de André, e outro *voucher* do Privilege. Para participar, bastava comentar na transmissão.

Depois de dar “boa tarde” para a equipe, contei ao público sobre o lançamento da nova música do convidado com lançamento marcado para logo mais. Ela seria tópico da conversa e possuía o título de “Nego Bom”.

Logo nesse início, eu pedi para que o rapaz cantasse um pouco e, apenas com o seu violão e a voz, ele presenteou-nos com um belíssimo som.

Após a cantoria, começamos o papo falando sobre a carreira de biomédico do André. Ele contou-nos que se identificou com o curso logo nas primeiras matérias e percebeu que era aquilo que queria para a sua vida. O cantor ainda revelou que se especializou em acupuntura.

Aproveitei esse momento para conversar com o André sobre como foi para ele conciliar a vida profissional como cantor em Jacobina nos finais de semana com os estudos em Salvador. Por fim, depois de falar sobre isso, ele contou que no período da pandemia só faltava praticamente apenas o TCC para que o cantor se formasse.

Em dado momento, trouxe para André a pergunta de como ele começou na música e sua resposta foi que o lado artístico musical o acompanhava desde criança, com a família, principalmente a parte materna, que costumava se encontrar para cantar.

André presenteou o programa com uma lembrança muito bonita da família indo, todo dia 20 de janeiro, na festa de São Sebastião, para a cidade dos seus bisavós maternos para reunirem-se e cantarem. Aos 12 anos, ele pediu ao pai e avó um violão e, como sua fascinação pelo instrumento não passou fácil, seu pai resolveu o colocar em uma aula de violão, porém, após um mês e meio de aulas, as notas no colégio caíram e seu pai acabou por retirá-lo das aulas artísticas.

Porém, como não dava para matar a paixão que André sentia pela música, ele continuou insistindo em aprender sozinho, ainda que levasse uma eternidade. Foi assim que, aos 15 anos, o rapaz começou a tocar em barzinhos e nos intervalos do colégio.

Após essas informações, entramos no tópico de amizades e eu trouxe à tona o fato de André ter amigos incríveis que o apoiam constantemente, inclusive interagindo demais nas postagens e tentando ajudar ao máximo o rapaz. André aproveitou esse momento para agradecer essas pessoas.

Depois de um bate-papo tão gostoso de acompanhar, pedi ao cantor para dar mais uma palinha para nós e ele fez isso com todo o prazer, desta vez apresentando o seu próximo lançamento.

Quando a música acabou, porém, eu pedi que André tocasse algo no violão mesmo, sem apoio musical como a música antes dela tinha. O cantor finalizou o som e eu logo entrei reforçando os mesmos comunicados de antes, desta vez tentando especificar melhor o como era o Motel Privilege.

Uma das minhas colegas logo percebeu que eu estava tendo dificuldades para encontrar palavras descritoras para o anúncio que não fossem vulgares. Foi aí que ela entrou na conversa brincando com esse fato e até o convidado ajudou, e, assim, conseguimos falar do nosso parceiro sem desrespeitar ninguém e sendo seguido por imagens do lugar.

Depois desse momento, soltamos um vídeo clipe do nosso primeiro entrevistado, o Davi Lucca, onde ele canta Privê, que, querendo ou não, dialogava perfeitamente com a propaganda anterior.

Passar os clipes dos convidados durante os intervalos era uma ideia incrível porque abria espaço para que os convidados anteriores tivessem ainda mais voz no “Fervo” e, além de tudo, era uma forma de atrair mais pessoas relevantes do meio musical.

Após isso, as imagens do Motel Privilege voltaram para a tela sendo seguidas pelo teaser do Giro Quente. É válido reforçar que parte desse momento foi exclusivo para o público do Youtube.

Ao retornar dos comerciais, eu ainda precisei ficar em silêncio por alguns segundos, o que facilmente geraria ótimos estáticos (os famosos memes) nas redes. Quando entramos ao vivo na rádio também, voltei falando novamente dos sorteios para lembrar a audiência de participar. É interessante reparar nesses detalhes, que não parecem combinados, mas são parte essencial do roteiro, afinal, precisamos que as pessoas interagissem bastante e o reforço desse convite ajudava nisso.

Nesse programa, o Momento Namastê contou com uma entrada personalizada, algo que não estava disponível durante as duas primeiras transmissões. Porém, um fato triste é que enfrentamos problemas técnicos mais uma vez e o áudio e a câmera apresentaram uma qualidade mais baixa justamente no quadro da minha querida colega Rafaela Navarro. O áudio, para nosso alívio, voltou ao normal rapidamente, sendo seguido um tempo depois pelo retorno da imagem em uma qualidade maior.

Minha colega trouxe para a conversa o fato de que as pessoas estavam muito ansiosas na atualidade e que o “Fervo” era como uma válvula de escape dos finais de semana, algo leve que os ajudava. Junto a essas palavras, ela ainda deixou ao público uma mensagem linda de que as pessoas estão destinadas a terem o que é para ser delas.

Depois disso, Navarro emendou na leitura do horóscopo da semana, e, logo após, perguntou ao convidado sobre sua opinião em relação aos signos. André, por sua vez, afirmou acreditar e ainda completou que era um pisciano igual a descrição de segundos antes. Com isso em mente, Rafaela aproveitou para aprofundar mais ao público a figura do signo de peixes contando um pouco mais dele.

Depois disso, aproveitei uma fala da Rafa sobre o André sempre dar um “alô” para o pessoal do Fervo quando nos encontrava nos barzinhos para cumprimentar o pessoal do *chat* que estava particularmente mais participativo neste terceiro programa. Das duas, uma: ou a constância estava ganhando alguns corações e ocupando a agenda de algumas pessoas religiosamente, ou os sorteios pareciam muito interessantes. Eu, particularmente, acredito e fico feliz com ambas as opções.

Ainda com a presença da Rafaela Navarro, entrei no assunto da música “Nego Bom”, o lançamento do cantor, perguntando a ele sobre se a letra era composição sua. André contou-nos que, na verdade, ela foi um presente de um amigo compositor, Felipe Dantas, conhecido inclusive por compositores e cantores como Thierry. Em seguida, engatei com a indagação sobre quais são as referências musicais dele. De imediato, o cantor respondeu que seriam, na Bahia, Adelmo Cazé, Saulo Fernandes e vários outros. No cenário nacional, a lista também era grande, sendo um exemplo o brilhante Alceu Valença. André contou que não admirava esses cantores apenas como artistas, mas também como pessoas.

Depois de mais alguns minutos de bate-papo, André foi convidado a cantar mais uma música para mostrar a todos o seu talento. Conversamos mais um pouco, reforçando o sorteio, e pedimos outra música ao convidado antes de entrarmos nos comerciais, que contaram com um teaser do Giro Quente. Na volta deles, Any Olinda já estava pronta para trazer as fofocas de famosos tão aguardadas pelo público. Ela também contou com uma entrada personalizada pensada para o seu quadro, assim como Rafaela.

Any Olinda já começou o seu momento trazendo a polêmica sobre o casamento da Jojo Toddynho que vivia um eterno volta e termina. Empenhada no seu bloco, Olinda trouxe uma planilha com dados do casal. Logo depois, Any passou para o casal Kevi Jonny e Sthe Matos, um novo par queridinho das redes sociais.

Acabamos lembrando depois do homem que se segurou na frente do caminhão e rodou um bom trajeto desta maneira inusitada. Aparentemente o acontecimento teve cunho político e repercutiu nacionalmente. Depois desse momento descontraído de fofocas de famosas e opiniões dos presentes, passamos para a Caixa Preta, a misteriosa e cheia de perguntas.

O primeiro assunto sorteado foi *talaricagem*, assunto este que André deixou logo evidente que não compactuava de forma alguma. O segundo assunto saído da Caixa Preta foi referente ao primeiro show do cantor. André relatou que esse evento ocorreu em Miguel Calmon, na festa do colégio, a Inflamm Fest. O cantor disse que foi sensacional, com direito até mesmo a sensação de nervosismo na barriga. O terceiro e último assunto girou ao redor da pergunta de qual seria o motivo que levaria André para o céu. O cantor afirmou que seria o fato de seu coração desejar o bem para todo mundo.

Seguimos então para o uso das cartas de bloqueio, reverso e mais quatro. Em relação ao reverso, o convidado comentou que se voltasse no tempo, ele iria seguir a vida mais saudável que tinha naquele presente momento. Depois disso, André fez justiça à sua resposta de minutos antes, pois não quis bloquear alguém, mas sim algo: toda a falsidade e falta de ética que existia em Jacobina e região no âmbito artístico. Respeitando o que o cantor demonstrou até ali, eu decidi mudar o significado do mais quatro para que ele representasse um impulsionamento de algo. André pareceu gostar bastante da ideia e afirmou logo que desejaria fazer isso na união dos músicos de Jacobina e região. Por fim, fizemos os dois sorteios e encerramos a transmissão com agradecimentos e música.

Como dito no começo do relato, nós conseguimos lançar 21 programas no ar e, inicialmente, pensávamos em adotar um formato de temporadas para podermos ajustar detalhes que nos permitissem retornos melhores e renovados. No entanto, enfrentamos muitas dificuldades ao longo do caminho. O rádio, que parecia disposto a oferecer todo o suporte prometido e necessário para que o programa continuasse satisfatório, recuou na decisão, o que foi uma surpresa, uma vez que o projeto atraiu publicidades e reconhecimento não apenas para os envolvidos, mas para a rádio. Além disso, nossas agendas ficaram cada vez mais apertadas. Em parte, inclusive, graças ao próprio “Fervo”, uma vez que ele deu mais notoriedade a todos os envolvidos, ajudando-os a criar uma rede de contatos inestimáveis na era digital.

Ali, naquele espaço, minha equipe tinha acesso a pessoas que antes era difícil alcançarem elas, não por falta de habilidades, pois eu acreditava e ainda acredito no trabalho de todos os envolvidos, mas sim realmente pela distância que é geralmente imposta entre

nichos diversos e figuras um tanto mais público da região. Isso foi algo que me deixou muito feliz por fazer parte desse projeto, na verdade, por liderá-lo: o fato, de certa forma, de ter criado pontes não apenas entre o público e os convidados como também entre eles e a equipe, assim criando relações que geraram colaborações profissionais aos meus colegas e convites para eventos que enriqueceram o portfólio deles.

Esse era, desde o início, um dos meus objetivos para o projeto: ajudar outras pessoas a ver a mágica do rádio enquanto eu mesmo aprendia e reaprendia todos os dias com esse meio comunicacional inestimável para a história humana.

Assim, com isso em vista, foi com tristeza e, ao mesmo tempo, com um profundo sentimento de realização que encerramos o projeto no dia 13 de abril de 2023. Apesar das dificuldades, acredito que cumprimos nosso objetivo e deixamos uma marca na história radiofônica da região ao alcançarmos um grande feito: atrair um público jovem para o rádio e reforçar a eles a importância e o valor desse meio de comunicação.

Por fim, é válido dizer que concordo com Lemos (2024) quando ele diz que os fenômenos da contemporaneidade não sugerem à humanidade o apagamento de formatos e meios, ou seja, essa dita “revolução do áudio”, como o podcast foi citado pelo jornalista Ben Hammersley, não se trata da extinção do rádio massivo (AM ou FM), e sim de uma nova maneira de produzir conteúdo radiofônico no mundo, utilizando os avanços da tecnologia para o bem da humanidade. Lemos (2024) reforça o meu pensamento em relação à temática ao afirmar que, embora seja uma questão complexa, ela não existe exclusão, e sim adição.

Acredito que negar esse formato de produzir rádio é que faça com que as pessoas mais jovens se afastem da rádio mesmo que a linguagem dela seja mais próxima deles do que de fato os próprios saibam, porque, afinal, as pessoas que consomem novelas em formato de podcast, se pudessem teriam mergulhado nas radionovelas décadas atrás.

Por isso defendo que esse relato e essa pesquisa como um todo sejam importantes e válidos para o cenário jacobinense, pois eles são um reforço que os únicos que podem afastar o público digital das rádios são as próprias rádios com o não entendimento delas de que não há como, em pleno século XXI, na era digital onde o homem descobre, a cada minuto, uma nova forma de ocupar seu tempo com a tecnologia, não pensar nas mídias digitais e o formato de podcast como aliados em vez de inimigos.

Nisso, não apenas as rádios perdem dinheiro, espaço e reconhecimento, como também a própria população, afinal de contas, como o relato bem demonstrou, todo mundo tende a ganhar algo com a reformulação das rádios.

4 CONCLUSÃO

Diante da pesquisa apresentada e do relato de experiência discorrido aqui, fica evidente que a temática da plataformização da rádio tem um acervo, que fale especificamente sobre ela, muito pequeno e, portanto, necessita de mais enfoque das rádios e da mídia regional, pois é evidente o quão positivo pode ser o ato de levar o rádio para além das frequências radiofônicas já conhecidas e tornar ele não apenas uma plataforma digital, mas uma experiência que converse com pessoas de diferentes estilos, classes, religiões etc.

O repassar o rádio não é negar a origem dele, como eu já reforcei nessa pesquisa, afinal, é de conhecimento geral que o rádio revolucionou a forma do ser humano se relacionar consigo mesmo, com o mundo e os demais, e, portanto, seria impossível descartá-lo como algo qualquer.

Porém, é importante não esquecer que, em igual escala, a Internet cumpriu um papel semelhante e permitiu ao homem explorar novas possibilidades em inúmeras áreas, incluindo a audiovisual.

As redes sociais, as plataformas, os aplicativos, tudo que compõe as mídias digitais, tornaram o acesso à informação, à lazer e à cultura mais acessível. Afinal, tudo que se precisa para consumir esse conteúdo é um aparelho eletrônico, um WIFI ou um chip com conexão de internet, algo que bilhões de pessoas no mundo tem acesso.

E, para além disso, não se trata apenas de ter o meio para usufruir dessas informações, mas também ter a possibilidade de ouvir, ver ou ler, uma vez que esses conteúdos em formato de podcasts contam, em diversos casos, com o áudio, o som e até mesmo legendas, o que possibilita que eu veja o conteúdo de um estrangeiro, na língua mãe dele, do sofá da minha casa, escute sua entoação, veja o seu rosto, mergulhe no conhecimento ou no entretenimento que ele esteja disposto a me oferecer.

Assim sendo, é fato que a tecnologia deu nova roupagem às atividades humanas como o ato de consumir conteúdo radiofônico ou mesmo conteúdo de áudio em geral. Assim, ela pode transformar o rádio em um meio de comunicação mais acessível do que nunca, rompendo quase todas as barreiras geográficas ao tornar possível transmissões que podem ser acessadas do outro lado do mundo ao vivo ou obter o acesso *off-line* e, inclusive, finalmente immortalizou de fato os sons ao tornar possível não apenas o upload nas mais variadas plataformas como também o download nos computadores e aparelhos de bilhões de pessoas.

Não é à toa que tudo que cai nas redes permanece nas redes, não por causa delas, que podem deixar de existir e serem substituídas por outras, mas sim pelo fato de que não controlamos os conteúdos uma vez que eles são postados. Essa é a dor e a beleza da internet.

Isso também mostra um lado da temática que faz com que eu repense se ela não é ainda mais complexa do que aparenta ser, além de ser capaz de fomentar questionamentos ainda maiores à respeito da rádio e sua plataforma, entrando até mesmo na possibilidade dessa questão ser também algo de interesse público, porém, essa é um aprofundamento que caberá a outro jovem comunicador digital fazer.

Recapitulando tudo isso e tendo em mente a minha relação com a comunicação, reafirmo que a relevância social desse estudo com relato de caso é imensa, pois ele se baseia em dois marcos da humanidade e o como eles impactam um no outro e na sociedade em um geral.

Entender esses fenômenos que alteram comportamentos humanos é indispensável para o bem-estar sociocultural de um país, principalmente considerando o fator político e econômico que o rádio e a Internet possuem, ainda mais em cidades interioranas como é o caso de Jacobina.

Diante de todas as informações anteriores, é fato que o rádio continua sendo um dos melhores meios de comunicação atual e, ao longo desses anos de experiência, tive a validação do meu trabalho e alcancei um novo patamar profissional.

Fazer rádio no interior, sendo jovem, é um grande desafio, pois como bem foi apresentado aqui, as rádios ainda resistem à mudança e à inovação, porém, é essencial aceitar que a internet chegou não para substituir o rádio, mas para complementá-lo, agregando ainda mais valor a ela. Efetuar esse trabalho de conexão entre rádio e internet foi extremamente enriquecedor e é com a certeza de que outros comunicadores também entenderam e outros entenderão que finalizo essa pesquisa com relato de experiência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Maria Fernandes. **Breve história da Internet**. 2005.

BRASIL. Ministério das comunicações. **Primeira transmissão oficial, em 1922, marcou o início do rádio no Brasil**. [Brasília]: Ministério das comunicações, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2022/setembro/primeira-transmissao-oficial-em-1922-marcou-o-inicio-do-radio-no-brasil>. Acesso em 15 de out. 2024.

CAVALCANTE, Patrícia Sullivan L.; DA SILVA CARVALHO, Suzele; ARANTES, Claudia. **"O melhor som da cidade", a efêmera Rádio Equatorial de Macapá**. 2011. Disponível em: <https://www2.unifap.br/c-regional/files/2012/12/R%C3%81DIO-EQUATORIAL.pdf>. Acesso em 25 out. 2024.

DELMÉNICO, Matías et al. **El podcast y el desafío de repensar lo radiofónico**. Question/Cuestión, v. 2, n. 66, 2020.

DUBBER, Andrew. **Repensando o rádio na era digital**. Significação: Revista de Cultura Audiovisual, v. 40, n. 39, p. 24-43, 2013.

FERRARETTO, Luiz Artur. **De 1919 a 1923, os primeiros momentos do rádio no Brasil**. Revista Brasileira de História da Mídia, v. 3, n. 1, 2014.

LEMOS, André. **Podcast: emissão sonora, futuro do rádio e cibercultura**. Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 15, n. 01, p. 12-17, jan./abr. 2024

MINAYO, Maria Cecília de Souza. et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2011.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. **Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico**. Revista práxis educacional, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

SOUSA, Priscila. **Podcast – O que é, conceito, história e características**. Conceito.de. 2022. Disponível em <https://conceito.de/podcast>. Acesso em: 12 dez. 2024.

PINHEIRO, E. B. B.; DEL BIANCO, N. R. **O rádio brasileiro no contexto da plataformização: experiências, impasses e desafios**. Esferas, v. 1, n. 23, p. 56-83, 1 jul. 2022. Disponível em <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/13642>. Acesso em: 15 dez 2024.

POELL, T., NIEBORG, D., & VAN DIJCK, J. **Plataformização**. Revista Fronteiras, v. 22, n. 1. Disponível em <https://dare.uva.nl/search?identifier=12991165-aa81-4b41-a648-0430c3fb1b54>. 2020. Acesso em: 15 dez 2024.